



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Departamento de Educação

**PROFESSORA E MÃE: desafios de educar crianças numa
perspectiva emancipatória**

Por: Vanessa Alves Alonso

São Gonçalo

2016

VANESSA ALVES ALONSO

**PROFESSORA E MÃE: desafios de educar crianças numa perspectiva
emancipatória**

Monografia apresentada como requisito obrigatório para a obtenção do título de Graduado em Pedagogia na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Tereza Goudard Tavares

São Gonçalo

2016

PROFESSORA E MÃE: desafios de educar crianças numa perspectiva emancipatória

Monografia apresentada como requisito obrigatório para a obtenção do título de Graduado em Pedagogia na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Aprovado em

Banca examinadora:

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Tereza Goudard Tavares (FFP/ UERJ)

Parecerista: Prof^a MS Vanessa Bréia (FFP/UERJ)

São Gonçalo

2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela minha vida, por iluminar os meus pensamentos em todos os momentos e por seu amor incondicional.

À minha mãe, pai e madrinha por toda ajuda e incentivo para chegar até a faculdade e durante todo o meu percurso nela, inclusive desta monografia.

Ao meu irmão por todos os conselhos e incentivos.

Às minhas amigas do curso de pedagogia, por todo apoio e por estarem ao meu lado incansavelmente.

À minha professora orientadora Maria Tereza Goudard Tavares pelo incentivo, generosidade, comprometimento e atenção na elaboração deste trabalho.

Aos professores do curso de pedagogia da Faculdade de Formação de Professores UERJ-FFP, por partilharem seus ensinamentos.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu filho Bernardo, que foi a grande motivação para a conclusão da minha graduação e pela escolha deste tema. Dedico também a todas as crianças brasileiras, que merecem e precisam de uma educação emancipatória e crítica, longe de estereótipos impostos por uma sociedade (ainda) tão preconceituosa como a que vivemos.

EPÍGRAFE

“Educai as crianças e não será preciso punir os homens”.

Pitágoras

RESUMO

Esta monografia é resultante do trabalho final de curso de Pedagogia, realizado na Faculdade de Formação de Professores da UERJ, e tem como principal objetivo discutir a educação das crianças pequenas numa perspectiva emancipatória, fazendo a crítica aos estereótipos excludentes que permeiam a nossa sociedade e que nos são impostas desde sempre e que pouco questionamos em nosso cotidiano. A curiosidade por este tema surgiu após ter me tornado mãe, no ano passado, de um menino. A partir daí surgiram às questões de como educar meu filho e todas as crianças de modo não sexista, e sim de forma mais igualitária e justa. A partir de pesquisas bibliográficas e de entrevistas com outras mães e professoras de meninos, este trabalho realizado de forma exploratória, procura levantar questões sobre a história da infância, de como as crianças foram reconhecidas como tal, abordando questões de gênero, suas diferenças biológicas e as que são construídas históricas, social e culturalmente, na qual os modelos de masculinidade e feminilidade já são nos dados como prontos, naturalizados, excluindo assim quem não se adéqua a essas normas. Atenta a importância da temática da educação e gênero ser discutida nos espaços escolares desde a educação infantil, até a formação de professores, e partindo do pressuposto de que as escolas são espaços e tempos importantes na formação humana, bem como na construção de uma sociedade menos preconceituosa, machista e mais igualitária, compreendi que estudar de forma mais aprofundada a minha própria relação com a maternidade, e a educação de meu filho, poderia me oferecer pistas para (re) pensar algumas questões sobre a educação e gênero numa perspectiva crítica.

Palavras-chave: Infância; Educação Infantil; Perspectiva emancipatória; Gênero; Maternagem; práticas sociais de educação de gênero; Educação de meninos.

ABSTRACT

This monograph is the result of the final work of Faculty of Education, at the Faculty of Teacher Education of UERJ, and aims to discuss the education of young children in an emancipator perspective, making criticism of exclusionary stereotypes that permeate our society and It is imposed on us always and that little question in our daily lives. The curiosity about this subject arose after becoming a mother last year, a boy. From there emerged the questions of how to educate my son and all children of non-sexist way, but in a more equal and fair way. From literature searches and interviews with other mothers and teachers of children, this work in an exploratory way, seeks to raise questions about the history of childhood, of how children have been recognized as such, addressing gender issues, their biological differences and those built historical, social and cultural, in which models of masculinity and femininity are already in the data as ready, naturalized, thus excluding those who do not suit those standards. Given the importance of the theme of education and gender be discussed in school spaces from early childhood education to teacher training, and on the assumption that schools are spaces and important moments in human development and in building a society less bigoted, sexist and more equal, I realized that studying further in my own relationship with motherhood, and my son's education, could give me clues to (re) think some questions about education and gender critical perspective.

KEY WORDS: Childhood; Child education; emancipator perspective ; Genre; motherhood ; social practices of gender education; Education of children

LISTA DE ILUSTRAÇÕES:

FIGURA 1- Pintura do príncipe Luis, futuro rei da Espanha, 1710, extraída da internet	15
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1- A HISTÓRIA SOCIAL DA INFÂNCIA: UMA BREVE INTRODUÇÃO A ESSA TEMÁTICA.....	14
1.1- A História social da infância.....	14
1.2- Estágios da infância.....	17
CAPÍTULO 2- GÊNERO: Meninos e meninas e suas diferenças.....	19
2.1- Meninos e meninas: suas diferenças.....	22
2.2- A importância da discussão sobre as questões de gênero na Educação infantil e na formação dos/das professores/as.....	25
CAPÍTULO 3- EDUCANDO MENINOS.....	34
3.1- Educando meninos, como mãe.....	34
3.2- Ouvindo mães: Um diálogo inicial com mães de crianças do gênero masculino.....	41
CAPÍTULO 4- CONSIDERAÇÕES FINAIS, MESMO QUE PROVISÓRIAS: Por uma educação não sexista.....	48
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52

INTRODUÇÃO

Após me tornar mãe, em 28 de maio do ano de 2015, e com muitas dificuldades em retomar a Faculdade e ao curso de Pedagogia, decidi em diálogo com a minha orientadora, alterar o meu tema de monografia, porque realmente para mim, a maternidade está sendo uma questão contraditória, na minha vida de mulher e estudante, que escolheu engravidar, dar à luz, amar e educar um filho, seja por um projeto de futuro, seja por dificuldades de planejamento de nossa vida sexual e afetiva. Em meu percurso como mulher e mãe, e agora quase como uma profissional da educação, pedagoga, tenho pensado muito nas transformações pelas quais a minha vida tem passado. Ao ter um filho a nossa vida muda muito! Em todos os sentidos! A nossa concepção de mundo sofre muitas alterações. O nosso papel no mundo ganha outros sentidos, pelo menos na minha forma de pensar e estar no mundo. Se você já pensava num mundo melhor, agora você se mobiliza a sonhar, lutar, brigar por ele. Muitas lutas para intencionar que seu filho/a e as outras crianças do mundo possam viver num lugar um pouco melhor, tanto do ponto de vista ambiental, como social, cultural e humano. E você se polícia o tempo todo para não errar, para ser uma boa mãe, você faz o seu melhor como nunca antes tinha feito... E se sente culpada, responsável inúmeras vezes por apenas ser um ser humano que também falha... e sendo estudante de pedagogia essa “missão” parece triplicar de aumento de tamanho.

E por estar muitas vezes sozinha num projeto que foi produzido a dois, como resultado de uma história amorosa, inúmeras vezes me senti (e me sinto!) muito solitária. Mas tento tomar a minha maternidade como uma possibilidade de autoconhecimento, de cuidar e ser cuidada também, e dar conta da relação/educação de meu filho com muito amor e paciência.

De forma nenhuma quero afirmar que na maternidade nos isentamos de problemas e sofrimentos físicos e psíquicos. Nem tudo são flores, pelo contrário, ser mãe por muitas vezes é doloroso, é cansativo, exaustivo, apreensivo... Como uma jovem mãe, com o ineditismo *da primeira viagem*, sofro e muito, mas é tão recompensador ver o sorriso do seu filho, que eu digo por mim e acho que por todas

as mães, que se pudéssemos voltar atrás e repensar a maternidade, possivelmente faríamos tudo de novo.

Quando descobri que seria mãe de um menino, sem dúvidas, a primeira coisa que me veio à cabeça foi o desafio de educá-lo, juntamente com a minha família, pois entendo enquanto mãe e educadora, que é necessário insistir na educação de um menino para o mesmo ser tornar um homem gentil, sensível, respeitador, num mundo majoritariamente machista, sexista, preconceituoso, violento. Num mundo, no qual as diferenças de gênero não se tornem desigualdades e exclusões de meninos e meninas a uma vida digna e feliz. A partir daí, surgiu a minha curiosidade nessa área, isto é, na área de educação e gênero o que me incentivou a aprofundar os poucos estudos que tinha sobre a temática, e buscar ir mais a fundo no estudo empírico e bibliográfico, tornando a questão da educação de meninos e meninas pequenos/as, o objeto de estudo do meu trabalho final do curso de Pedagogia, espaço no qual tive o primeiro contato com essa temática na faculdade de pedagogia nas aulas de educação infantil.

Na construção da monografia, para fins de uma melhor organização, iniciarei apresentando um breve capítulo sobre a construção social da infância, seus processo de constituição e alguns de seus estágios, no qual posso reconhecer a jornada de constituição social da infância, observando a longa e complexa trajetória social travada para que a sociedade reconhecesse a infância como sujeito de direitos, que a mesma se tornasse um campo de estudos, e constituísse um importante objeto de estudo nas ciências sociais contemporâneas.

No segundo capítulo, procurei apresentar e discutir algumas questões de gênero, principalmente a dicotomia entre as diferenças biológicas e os estereótipos existentes em nossa sociedade, que capturam a subjetividade e o modo de ser das crianças. Nesse capítulo, procurei apresentar a importância dessas questões serem discutidas tanto na formação dos/das professores/as, quanto nas salas de atividades com as crianças pequenas, desde a educação infantil. Procurei discutir também, como desde cedo, os espaços escolares podem ser transformados em *ambientes generosos*, que possibilitem o encontro/discussão das diferenças e que seja um lugar de respeito às mesmas, possibilitando que as crianças possam pensar sobre os significados históricos, sociais e biológicos de serem meninos e/ou meninas, e

que possam desnaturalizar preconceitos e se (auto) conhecerem de forma mais humana, mais justa e igualitária, sem desigualdade entre os gêneros.

No terceiro capítulo intencionei tratar de questões que tematizam a (minha) maternidade e o meu campo de atuação profissional, trazendo questões tais como: como eu, mãe de um menino, e educadora, posso me "preparar" para uma educação emancipatória, crítica, baseada no conhecimento, amor, informação e no respeito ao próximo, e principalmente, para o respeito às mulheres, numa sociedade na qual o patriarcado ainda é tão sedimentado. Ainda neste capítulo, apresentarei algumas vozes de mães de meninos como eu, vozes escutadas a partir de entrevistas feitas com amigas que educam filhos do gênero masculino. Isto é, como educam meninos. Procurei ouvi-las em questões tais como lidam com as questões de gênero, bem como, o que esperam de seus filhos quando estes se tornarem adultos.

Por último, procurei nas considerações finais, longe de trazer propostas e prescrições definitivas sobre um *manual de educar meninos*, como por exemplo, escreveu Erasmo de Rotterdam em 1529, procurei apresentar algumas pontuações, contribuições e conclusões provisórias para esse trabalho, tendo no horizonte, contribuir para os meus processos formativos como mãe e professora em busca de uma educação mais justa e igualitária para ambos os gêneros.

CAPÍTULO 1

1.1 A História social da infância: uma breve introdução a essa temática

Pesquisando sobre a origem social da infância, podemos constatar que de certo modo, um longo período foi necessário para que as Ciências Sociais e Humanas tivessem como objeto de estudo a criança e a infância, de modo mais amplo. E muito tempo ainda foi necessário para a investigação e a para análise das relações entre sociedade, infância e escola, entendendo a criança como sujeito histórico e de cidadão com direitos constituídos.

Isso ocorre devido ao fato de que a criança nem sempre foi vista como um ser diferente do adulto, sendo que até o século XVII no mundo ocidental, elas eram majoritariamente tratadas como pessoas adultas, sem maiores distinções etárias. A construção da singularidade infantil que podemos ver nos dias de hoje, foi uma lenta construção social e civilizatória, sendo necessário um projeto de sociedade, a sociedade burguesa (ARIÈS, 1978) para que a particularidade que distinguisse a criança do adulto fosse construída.

A análise da produção existente sobre a história da infância nos permite afirmar que a preocupação com a criança encontra-se presente somente a partir do século XVIII, tanto no Brasil como em outros lugares do mundo ocidental. No entanto, mesmo a infância constituindo-se em um problema social do século XVIII, ainda não foi suficiente para torná-la um problema de investigação científica e questão social de cunho estratégico. Estudos apontam que até o início da década de sessenta a história da infância e a história da educação pareciam ser dois campos distintos e inconciliáveis

Essa questão pode ser observada com a publicação na França em 1960, e nos Estados Unidos em 1962 do livro de Ariès (1973) sobre a 'História social da infância e da família', e na década seguinte, em 1974, acrescida da publicação do texto de De Mause (1991) sobre 'A evolução da infância', os historiadores da educação, principalmente os norte-americanos, encontravam-se no processo de reconstruir a definição precisa de seu campo. Porém, até este período, pouquíssimos historiadores haviam manifestado algum interesse pelo tema da

infância ou o tinham colocado como objetivo de suas pesquisas. Somente uns poucos historiadores tentaram pesquisar e assim conhecer melhor a história da infância. Ambos os autores acima citados enfatizaram a simultaneidade no tempo do descobrimento ou reconhecimento da infância moderna e da aparição de instituições protetoras para cuidar e formar a geração mais jovem.

No mundo das fórmulas românticas, e até o fim do século XIII não existem crianças caracterizadas por uma expressão partícular, e sim homens de tamanhos reduzidos. Essa recusa em aceitar na arte a morfologia infantil é encontrada, alias, na maioria das civilizações arcaicas. (ARIÈS, 1973, pg 19)

Como ilustram as figuras abaixo, as crianças tanto não eram reconhecidas que se vestiam como mini adultos:

Figura 1



LEGENDA: Pintura do príncipe Luis, futuro rei da Espanha, 1710, extraída da internet

A falta de uma história da infância e seu registro historiográfico tardio é um indicio da incapacidade por parte do adulto e da própria sociedade de ver a criança em sua perspectiva histórica. Somente nas últimas décadas, o campo historiográfico rompeu com as rígidas regras da investigação tradicional, institucional e política, para abordar temas e problemas vinculados à história social (Ariès, 1973). O

pesquisador Argentino Mariano Narodowski (1993), após ter realizado um trabalho inédito, centrando suas análises na relação entre infância, poder e pedagogia, resultando em sua tese de doutoramento publicada sob o título 'Infância e poder: la conformación de la pedagogía moderna', identificou um núcleo de consenso entre os historiadores acerca da definição de infância. Para o referido autor, a infância é um fenômeno histórico e não meramente natural, e as características da mesma no ocidente moderno podem ser esquematicamente delineadas a partir da heteronomia, da dependência e da obediência ao adulto em troca de proteção. Aceitando-se a tese de Ariès (1973), é preciso aceitar que a infância, tal qual é entendida hoje, resultava inexistente antes do século XVII.

1.2 Estágios da infância

De acordo com o autor Steve Biddulph do livro “Criando meninos”, a infância é dividida em três etapas, que são:

O primeiro estágio vai do nascimento aos seis anos - período em que o menino pertence principalmente à mãe. Ele é o menino "dela", embora o pai possa exercer um papel muito importante. Durante esse estágio, a meta deve ser dar amor e segurança, e fazer com que a "ligação" do menino à vida seja uma experiência calorosa e acolhedora. (BIDDULPH, 2005, P.9)

Nos primeiros anos de vida, a criança tende a se ligar especialmente a pelo menos uma figura principal, que geralmente é a mãe, por todos os momentos que passam juntos desde a amamentação até os cuidados que eles precisam, que na maioria das vezes são feitos pela mãe, apesar dessa figura poder ser tranquilamente o pai, o que é superimportante é que seja passada bastante segurança e amor para as crianças.

Importante destacar, que nesses primeiros anos, não se tem muitas diferenças significativas entre ser do sexo feminino ou masculino.

2. O segundo estágio inclui o período que vai dos seis aos catorze anos - quando o menino, num impulso que vem de dentro, começa a querer aprender a ser homem, e se volta cada vez mais para o pai, com quem procura partilhar interesses e atividades, embora a mãe continue muito envolvida e o mundo exterior também exerça atração. O objetivo desse estágio é criar competência e habilidade; desenvolvendo ao mesmo tempo afabilidade e bom humor - para que ele se torne uma pessoa equilibrada. Esta é a idade em que o menino se sente seguro e feliz com sua masculinidade (BIDDULPH,2005,P.9)

Nessa segunda fase observamos a grande importância do pai, ou de uma figura masculina na vida da criança, como um modelo para seu filho, pois a criança começa a descobrir a sua masculinidade, e o menino procura se espelhar, imitar o que a figura masculina mais próxima faz. E é nessa fase que as diferenças entre os sexos feminino e masculino parecem surgir de forma explícita.

2. Finalmente, dos catorze anos à idade adulta - é o estágio em que o menino precisa de informação de mentores do sexo masculino para completar a jornada rumo à idade - adulta. Mamãe e papai ficam um pouco de lado, mas devem cuidar para que bons mentores façam parte da vida de seu filho, senão, ele vai ter que contar com colegas despreparados para construir sua individualidade. O objetivo é adquirir habilidades, desenvolver responsabilidade e respeito próprio, fazendo parte, cada vez mais, da comunidade adulta. (BIDDULPH, 2005, p 10)

Nessa última fase, na qual o menino se torna homem, parece ser culturalmente *normal* que fiquem instáveis, rebeldes, inquietos, pois há uma mudança biológica e cultural muito grande nessa fase. Eles se distanciam um pouco dos pais, pois nessa fase são instados a desenvolver sua independência fora da vida familiar.

Embora possamos fazer críticas a essa concepção desenvolvimentista e etapista do processo de constituição subjetiva e social dos meninos, visto a realidade social e as interações humanas serem muito mais complexas e híbridas do que o *modelo* apresentado por Biddulph entende ser importante discutir e problematizar esses estágios sugeridos pelo autor, principalmente por considerá-los *tipos ideais* e que carecem de problematização empírica.

CAPÍTULO 2

QUESTÕES DE GÊNERO E EDUCAÇÃO: meninos e meninas e suas diferenças

“O homem não nasce homem, mas torna-se homem”.

Erasmus, 1529

Neste capítulo procurarei abordar como se construiu o processo definição de gênero, suas particularidades e as questões ligadas às diferenças biológicas entre os gêneros, as construções sociais e históricas que percorrem os gêneros e suas desigualdades e como são importantes para entender e saber lidar com a educação dos meninos e como a escola de Educação Infantil deve conhecer, abordar e vivenciar essa questão em seu trabalho cotidiano

Gênero: breve histórico.

Ao se falar em gênero, muita gente pensa na diferença linguística pela qual se determina um objeto, ou se um objeto é feminino ou masculino, ou seja, lembra-se do gênero dos substantivos.

No que concerne ao sentido epistemológico da palavra, Gênero, sendo um conjunto de espécies com caracteres comuns; do Latim *genĕrum*, por, 29 *genus* + *ĕris*.com mudança de declinação.

A constituição do gênero enquanto uma categoria, ainda não é um tema acessível à maioria das pessoas. A linguagem é parte determinante do processo de significação da realidade nas comunidades lingüísticas, já que cada palavra se constitui num símbolo, representando algo que internamente atribuímos significado. Por isso, é preciso delimitar os sentidos atribuídos ao conceito de gênero e seus rebatimentos.

O conceito de gênero, enquanto uma categoria de análise histórica das relações entre homens e mulheres, surge através do movimento feminista onde o termo gênero foi utilizado numa tentativa de legitimar os estudos sobre a mulher, dando uma neutralidade científica ao trabalho das pesquisadoras feministas, o que

contribuiu para que suas produções fossem mais aceitas no meio acadêmico. A palavra gênero, também vem para se contrapor ao determinismo biológico inerente ao uso do termo sexo, propondo então uma nova forma de se pensar as relações entre mulheres e homens, discutindo o caráter de construção social dessas relações. (SCOTT, 1990).

Pensar gênero como uma categoria que nos possibilita a análise histórica, pode contribuir para uma sociedade mais justa, já que contesta o caráter biológico como determinante da submissão da mulher. É através dessa percepção de gênero, que podemos repensar concepções pautadas numa forma de ver as relações de gênero em que as mulheres são consideradas inferiores, assim, a partir das diferenças tidas como naturais desigualdades sociais são instauradas.

É preciso despertar a atenção para o processo de construção das identidades de gênero, pois ela é a primeira a ser construída, moldada, condicionada. Esse processo começa ainda no ventre materno, quando se descobre o sexo da criança, iniciando-se então uma busca pela caracterização dos artefatos culturais que irão cercá-la e construir, moldar sua identidade de gênero, então se define a cor do quarto, do enxoval, os tipos de brinquedos, se terá objetos e brinquedos ligados aos esportes, entre outras definições. E todos esses artefatos estarão de acordo com o que se espera para a criança, enquanto menina ou menino.

Seja de forma hormonal, cultural ou ambiental é evidente que essas diferenças existam e que elas influenciam na vida e no aprendizado de ambos.

Essas questões surgiram por volta de 1781, quando a preocupação pelo reconhecimento das mulheres como cidadãs atingiu seu cume.

No cenário conturbado da época, estereótipos femininos e masculinos eram impostos pela sociedade aos indivíduos (o que acontece até os dias de hoje). De acordo com Fagundes (2005) apud Almeida; Silva e Aguiar (2009, p.02) as mulheres eram —associadas ao interior, escuro, fechado e privado, a mulher aprende que do gênero feminino a sociedade espera o ser mãe, o cuidar e a maternagem, a dependência, o ser companheira do homem, a pureza, a docilidade. Encontra-se também, nos mesmos autores, o estereótipo masculino.

O homem, associado ao exterior, claro, aberto e público, aprende que a sociedade espera do gênero masculino a virilidade, a racionalidade, a força, o controle, o engrandecimento de seu trabalho, sua profissão, a produção, sucessos, aventuras, conquistas, o ser provedor da vida e do destino da família, além do controle das emoções, tidas como sinônimo de fragilidade (Fagundes, 2005); Silva e Aguiar, 2009, p.02)

Foi a partir destes estereótipos que se buscou a criação da palavra Gênero para tornar a mulher mais visível na sociedade no período dos anos 60 e 70 e, gradativamente, foi substituído o termo Mulher pelo termo Gênero. De acordo com Jaime (2011) gênero significa,

Nos anos 1970, diversos autores que inauguravam o campo dos estudos de gênero denunciaram a universalidade da dominação masculina. O ponto de partida desta denúncia era a compreensão de sexo e gênero como categorias opostas. Enquanto sexo seria um dado biológico, gênero seria uma construção sociocultural. A ideia de gênero expressaria então a forma como cada sociedade elabora significados do que seja o masculino e o feminino (JAIME, 2011, p.138).

Existe uma discussão sobre as diferenças de gênero, na qual alguns corroboram as diferenças biológicas como sendo o real fator de separação de meninos e meninas e outros apontam que a sociedade e a cultura imposta é que evidenciam e diferenciam os mesmos.

Segundo Saffiotti (1992) cada sexo, que é biológico, escolhe e constrói seu gênero, lançando mão dos termos sociais disponíveis.

"Tais indivíduos (homens e mulheres) são transformados, através das relações de gênero, em homens e mulheres. O tornar-se homem e o tornar-se mulher, porém, constituem obra das relações de gênero" (SAFFIOTTI, 1992, p. 187)

Existem realmente muitas diferenças em relação aos sexos, (feminino e masculino), porém cada ser pode se identificar mais com um certo gênero, que pode ou não corresponder com o sexo que estamos "acostumados" ver como o *normal*. A própria palavra "normal" denota um série de questões que embora fundamentais em nosso trabalho, não serão aprofundadas por falta de tempo e limitações de natureza acadêmicas.

Procurarei discutir melhor esse tema no próximo item.

2.1- Meninos e meninas e suas diferenças:

Segundo o autor do livro “Criando meninos”:

Desde muito cedo as diferenças entre os sexos ficam evidentes no cérebro do bebê que ainda vai nascer. Uma delas é que o cérebro do bebê do sexo masculino se desenvolve mais lentamente que o do bebê do sexo feminino. “Outra diferença é que no menino formam-se menos conexões entre os lados esquerdos e direito” (BIDDULPH,2005, P. 54)

As diferenças biológicas entre os sexos são incontestáveis, inúmeras pesquisas comprovam que o cérebro dos meninos se desenvolve de maneira diferente das meninas e isso afeta o seu modo de pensar e agir.

A metade esquerda do córtex de todos os bebês da espécie humana cresce mais lentamente que a da direita, mas nos meninos o crescimento é ainda mais lento. A responsável por isso é a testosterona circulando na corrente sanguínea. O estrogênio, hormônio predominante no sangue das meninas, estimula o crescimento rápido das células do cérebro “(BIDDULPH, 200, P.55).

E a questão hormonal é um fator importante nessas questões das diferenças. A testosterona, hormônio presente nos meninos começa a aparecer já por volta da oitava semana de gestação, quando o cromossoma Y altera as células do corpo do bebê e a testosterona começa a ser produzida, surgindo assim os testículos e pênis, tornando o bebê cada vez mais masculino.

Nos primeiros anos de vida esse nível de testosterona é reduzido a um quinto, é a fase onde as meninas e meninos possuem temperamentos mais parecidos. Já aos quatro anos os meninos recebem uma boa dose de testosterona, os níveis dobram e eles ficam mais agitados, é nessa fase, por exemplo, que surge a preferência por super-heróis, por aventuras , por brincadeiras movimentadas.

Em algum momento entre os onze e os treze anos, os níveis de testosterona voltam a subir significativamente, chegando a 800% em relação aos primeiros anos de vida. O resultado é um crescimento súbito e um alongamento de braços e pernas - tão grande que todo o sistema nervoso tem que se reestruturar. Para os que entendem de computador, é mais ou menos como instalar a última versão do Windows! Em cerca de 50% dos garotos, os níveis de testosterona são tão altos, que uma parte se converte em estrogênio, deixando as mamas inchadas e sensíveis. Nada preocupante. (BIDDULPH, 2005, P. 39)

É nessa fase que se evidenciam muito mais as diferenças, devido ao nível dos hormônios aumentarem muito, tanto nas meninas (estrogênio) quanto nos meninos (testosterona)

Aos catorze anos o nível de testosterona está no máximo e nossos menininhos, não podemos nos esquecer de que eles são futuros homens. Devido ao hormônio, os meninos tendem a ter um temperamento mais agressivo, mas precisamos compreender que este temperamento precisa ser moldado, formado e “civilizado”. A cultura está em guerra com a família. Mensagens nocivas e sedutoras são gritadas para eles através de filmes, desenhos, músicas, jogos e internet, e através desses meios, aprendem que bater e matar são a maneira certa de reagir quando insultados e frustrados.

E é aí que entra a questão social, cultural e ambiental. Os componentes culturais produzem significados, ensinam determinadas condutas às meninas e aos meninos e estabelecem a forma “adequada” e “normal” de viver a sexualidade, a feminilidade ou a masculinidade.

A construção social feita sobre diferenças sexuais. Gênero refere-se, portanto, ao modo como as chamadas “diferenças sexuais” são representadas ou valorizadas; refere-se àquilo que se diz ou se pensa sobre tais diferenças, no âmbito de uma dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto (LOURO, 2000, p. 26).

Louro destaca que é na sociedade e na cultura que as diferenças biológicas entre homens e mulheres ganham sentido e são representadas. Com efeito, tornamo-nos homens e mulheres na cultura. Para Louro, o conceito de gênero não possui uma “essência” masculina ou feminina; pelo contrário, aprendemos a ser um e outro e, a partir de então, vamos construindo o gênero com o qual nos identificamos. Essa perspectiva nos leva a pensar que podemos ser masculinos e femininos de diferentes formas, independentemente da norma social e cultural. Butler (1999) também questiona a construção binária do sexo e do gênero, criticando a separação conceitual de sexo como construção biológica e gênero como construção cultural.

Para a autora, Xavier (2014) gênero não é totalmente cultural, como o sexo não é natureza. O gênero é igualmente o sentido discursivo/cultural através do qual a “natureza” do sexo, ou o “sexo natural”, se fabrica e se fixa como premissa.

O conceito de gênero, a partir de autoras e autores pós-estruturalistas, incita a discussão da desconstrução das dicotomias masculino/feminino, entre outras. Nesse sentido, o pólo masculino contém o feminino e vice-versa e cada um desses é fragmentado porque representa uma diversidade de sentidos, ou seja, “não existe a mulher, mas várias e diferentes mulheres que não são idênticas entre si, que podem ou não ser solidárias, cúmplices ou opositoras” (LOURO, 2000, p. 16).

É possível que os meninos tenham uma tendência natural a certo grau de arrogância. Até recentemente, eles cresciam esperando ser servidos pelas mulheres e, em algumas culturas, ainda são tratados como pequenos deuses. No mundo moderno, o resultado disso pode ser um garoto detestável, que ninguém quer por perto. Portanto, é muito importante que os meninos aprendam a humildade através de experiências como pedir desculpas, ajudar e respeitar os outros. Os meninos precisam ter noção de seu lugar no mundo, ou o mundo, provavelmente, nos ensinará uma lição cruel. (BIDDULPH, 2005, P.28)

São diversos os autores e autoras, que denunciam a desigualdade nas relações de gênero, sendo relacionadas às diferenças presentes na construção social das identidades de gênero. De acordo com Scott, “freqüentemente a ênfase posta sobre o gênero não é explícita, mas ele não deixa de ser uma dimensão decisiva na organização da igualdade e desigualdade.” (SCOTT, 1990, p. 18).

Entendemos com base em nossa (recente) leitura, que os comportamentos tidos como masculinos vem sendo construídos historicamente, socialmente e culturalmente. E é nesse sentido que me sinto responsável enquanto mãe e educadora de questionar, de romper com essa educação machista e sexista, pois devemos educar nossos filhos de maneira livre, longe de dogmas preconceituosos, que impõem que devemos ser “isso” ou “aquilo”, que devemos agir “deste modo” ou estaremos fora dos padrões. Mas criou os padrões? Quem disse que esse ou aquele padrão é o correto? Essas concepções de sociedades só fazem trazer desigualdades e injustiças, principalmente para as mulheres.

2.2- A importância da discussão sobre as questões de gênero na educação infantil e na formação dos/das professores/as.

Tentarei mostrar a importância da construção de uma pedagogia da infância que respeite as individualidades das crianças pequenas, considerando todas as relações, respeitando as diferenças e assim não dando espaço para o preconceito e a discriminação.

Segue abaixo uma história verídica, retirada do trabalho “Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado da arte” da Ana Lúcia Goulart de Faria (2011)

“Josefina, professora de uma creche, estava entretida com um grupinho de crianças (a maioria delas com três anos de idade) que se travestiam das mais diferentes personagens”. Algumas passavam batom, outras colocavam chapéu, cintos, capas, outras salto alto e algumas meninas pediram para Josefina pintar-lhes as unhas da mão. De repente vem o Toninho e pede que ela pinte também as suas. Era a primeira vez que assim acontecia. Nossa professora ficou confusa, preocupada com o que as mães e os pais pudessem achar disto e para ganhar tempo enquanto pensava como proceder perguntou para ele

- Você já pintou as unhas antes? Seu pai pinta as unhas?

E ele respondeu prontamente

- Ah, eu nunca pintei antes. Meu pai não pinta também.

Bela resposta pensou, e eu, o que faço? Pergunto mais alguma coisa, quem sabe ele muda de ideia - De que cor você quer pintar?

E decidido Toninho responde

- VER-ME-LHO.

E agora? Lá se foi meu emprego... Bom, mais uma pergunta, e quem sabe tudo se resolve

- Mas porque vermelho?

E Toninho responde todo feliz

- É a cor do Schumacher!

Com esse pequeno texto entro numa questão tão importante que é a discussão de gênero no ambiente escolar, e mais ainda, na primeiríssima infância.

Partindo para o lado da escola e da educadora e sua influencia e responsabilidade nas questões de gênero, o autor Furlani (2007) nos diz que:

Não deve existir qualquer segregação de gênero nos conhecimentos apresentados a meninos e meninas, portanto, a prática pedagógica deve acontecer sempre em co-educação – é através da socialização do conhecimento que a Escola pode ser, inquestionavelmente, democrática. A convivência mútua e o compartilhamento de experiências subjetivas e materiais é um modo de meninos e meninas, rapazes e garotas, homens e mulheres superarem as desigualdades de gênero, respeitarem-se mutuamente colocando em xeque os pressupostos que legitimam o sexismo, o machismo e a misoginia. (FURLANI, 2007, P. 61)

Pensar a escola como uma instituição na qual ocorre à busca da formação integral de crianças, homens e mulheres, implica em reconhecê-la como um espaço privilegiado na reprodução e interiorização das desigualdades, visto que está inserida na sociedade que também tem o papel da reprodução, com suas diferenças, desigualdades e portanto discriminações, no entanto, podemos afirmar que ela é também o lugar onde essas diferenças e desigualdades podem ser contestadas. Desse modo, a escola como uma importante instituição configura-se num contexto social no qual as construções sociais são vivenciadas, tornando-se também um lugar onde elas poderão ser pensadas e contestadas.

No entanto, ainda o que predomina no contexto escolar, é a marcação das diferenças, que permeiam as identidades de gênero pela desigualdade. Em diversos estudos são salientados as desigualdades nos contextos escolares, presentes em diversas áreas do desenvolvimento de alunos e alunas, como na Linguagem, na História, na Matemática e na Educação Física como apontam os trabalhos de Moreno (1999), Toscano (2000) e Louro (2003). Para Auad (2006), além das atividades nas aulas de educação física, as brincadeiras nos pátios das escolas e as disposições das crianças em sala de aula, também nos fornecem pistas de como se dão as relações de gênero na escola, e como a interferência de professores e professoras influencia essas relações.

Ao investigar determinada escola, Auad (2006) percebeu que na sala de aula, as crianças eram separadas de acordo com o sexo, e diz que “ao considerar

como meninas e meninos são separados ou misturados, podemos ter uma ideia do modo como às relações de gênero são consideradas na escola.” (AUAD, 2006, p. 44), isso mostra o quanto à intervenção das pessoas adultas, pode definir as relações de gênero. Inicialmente podemos imaginar que, se nas salas de aula as crianças eram separadas, isso poderia não ocorrer no pátio na hora do recreio, já que nesse momento as crianças ficam livres para brincar da forma que quiserem, mas de acordo com sua pesquisa Auad (2006) mostra-nos que de tanto a escola separar meninos e meninas, seja em carteiras separadas ou filas diferenciadas para entrar e sair das salas, as brincadeiras no pátio também funcionam assim, meninos brincam com meninos, e meninas brincam com meninas, com algumas exceções. Portanto, além das desigualdades presentes nos conteúdos e abordagens das áreas do conhecimento, outras situações demarcam as desigualdades nos espaços escolares, separando meninas e meninos, como afirma Louro “a separação de meninos e meninas é, então, muitas vezes, estimuladas pelas atividades escolares, que dividem grupos de estudos ou que propõem competições.” (LOURO, 2003, p. 79), e que de acordo com os gêneros, delimitam formas desiguais de relações no contexto dessas atividades.

Portanto, é de extrema importante que a escola não seja neutra nessa questão, se preocupando com uma educação democrática, sem preconceitos e discriminação, não evidenciando preconceitos entre meninos e meninas, buscando respeitar as diferenças e produzir um olhar igualitário para ambos os sexos, para não acentuar ainda mais as desigualdades nas relações de gêneros.

Trabalhar conceitos, noções, construções e desconstruções leva tempo e demanda um esforço conjunto, não basta constar nas orientações ou legislações, é preciso aproximar a escola e todos que participam dela às contribuições dos especialistas e suas construções teóricas.

A escola, para que haja aprendizado, interfere nas hipóteses das crianças sobre os conhecimentos matemáticos, científicos e lingüísticos. Da mesma maneira, há de se intervir nos conhecimentos relativos às relações de gênero, às relações étnico-raciais, geracionais e de classe, para que as discriminações e desigualdades acabem (AUAD, Daniela, 2010, P. 86)

Entendo que a questão: “isso é coisa de menina” e “isso é coisa de menino” só faz formar crianças que serão no futuro adultos machistas, trazendo sempre as ideias antigas de que a mulher nasceu para ser mãe e dona de casa (dócil e

submissa) e o homem o macho alfa, que pode ser o que quiser (esperto e ágil). Enquanto mãe de um menino é um desafio enorme, além de educá-los com valores pertinentes, com dignidade, transmitir para ele que essas diferenças são construídas e estimuladas socialmente, que as meninas e mulheres precisam ser respeitadas e tratadas da mesma forma que eles, apesar da sociedade e, muitas vezes a instituição escolar estar o tempo todo afirmando essas desigualdades às nossas crianças.

A verdade é que, infelizmente, pouquíssimas escolas de educação Infantil abordam o tema das desigualdades e preconceitos de gênero nas salas de aula, e a problematização/ superação da desigualdade com certeza passa pela educação desde a primeiríssima infância em espaços coletivos, na esfera pública, estimulando crianças e adultos a conviverem com as diferenças.

Se pararmos para analisar, sempre que pensamos em pré-escola e ensino fundamental esperamos que nossos filhos sejam cuidados e educados por professoras do sexo feminino, mas por que não também por um professor, do sexo masculino? E também muitas vezes lidamos com meninos que gostam de se fantasiar e brincar com bonecas. E as meninas? Por que sempre esperamos que sejam mais obedientes, mais educadas que os meninos?

Assim, podemos compreender que o espaço da sala de aula da educação infantil nos permite situações de confronto e convivência com as diferenças. Faz-nos repensar que as mulheres são maioria nos cursos de formação de professores; refletir sobre as propostas pedagógicas considerando as características do trabalho de cuidar e educar crianças pequenas, e as suas relações que são construídas sociocultural e historicamente, pelo trabalho feminino.

O que vemos nos espaços de educação é uma separação dos papéis do homem e da mulher, onde somente a mulher fosse capaz de cuidar das crianças pequenas, como se os homens não pudessem exercer esse papel porque estes são para pessoas “inferiores” como diz os autores:

Ao pensar na educação de bebês e das crianças pequenas, essa questão fica mais evidente, pois existe ainda a compreensão de que a educação de meninos e meninas na educação infantil é exclusivamente para as mulheres, que elas já nascem com seus instintos maternos, algo natural da mulher. Isso remete à questão da educação da infância, composta por um grupo duplamente discriminado: profissionais do sexo feminino, cujos

salários são os mais baixos na realidade nacional, que atendem crianças pequenas, outro grupo social negligenciado em nossa sociedade. (FINCO; SILVA, e DRUMOND, 2011, p.64)

Como historicamente e pedagogicamente, a mulher foi quem iniciou essa história de cuidado e educação dos pequenos, torna-se uma questão de exclusividade da mulher esse papel, como nossa sociedade é machista, muitos preconceitos são taxados como *normais*.

O que acaba ocorrendo é que quando se tem a presença masculina nas salas de educação infantil e creches, as pessoas lidam com estranhamento, pois é evidente a falta da figura masculina nos espaços escolares da primeira infância. Assim como também é bem raro essas figuras irem levar seus filhos a escola, quase que unanimidade é a mãe ou uma figura feminina que faz esse papel.

É de grande importância que tragamos para o dia a dia da sala de aula de educação infantil e da formação do/da professor/a, questões referentes a gênero, já que o espaço da sala de aula é coletivamente educativo para as crianças e para os adultos, que conseqüentemente poderão aprender a trabalhar com as diferenças e a respeitá-las, favorecendo assim, a diversidade cultural e de gênero no cotidiano escolar.

Infelizmente, na formação dos professores ainda existe muito pouco sobre esse assunto tão importante de se tratar com as crianças, deixando os professores com pouco embasamento para tal tarefa, algumas pesquisas mostram que a maioria dos projetos de formação docente não aborda esse tema.

Como podemos ver no trecho abaixo do livro “Culturas infantis em creches e pré-escolas”

A ideia de discutir gênero a partir de experiências de estagio docente, surge da necessidade de garantir um espaço de discussão sobre as condições igualitárias e também sobre qualidade na educação infantil e para pensar em uma formação docente que dê conta de praticas emancipatórias, dirigindo os esforços no sentido de contrapor paradigmas androcêntricos e autoritários de nossa sociedade. (FINCO, Daniela; SILVA, Peterson e DRUMOND, Viviane, 2011,p.61)

O que devemos levar para sala de aula é a possibilidade de uma educação sem preconceitos, com respeito com ao próximo, com a possibilidade de igualdade entre os gêneros, como diz os autores:

O sexismo afeta o crescimento de meninos e meninas, inibindo muitas manifestações na infância e impedindo que se tornem seres completos. A forma como os meninos e meninas estão sendo educados/as pode contribuir para se tornarem mais completos e/ou para limitar suas iniciativas e suas aspirações. (FINCO; SILVA e DRUMOND. 2011 p. 63).

Se pararmos pra pensar, a nossa própria língua já nos remete a um machismo, quando torna palavras que dizem respeito ao sexo feminino e masculino, somente masculino, como por exemplo, “pais” que quer dizer mães e pais. E quase nunca paramos para analisar essas questões, porque simplesmente nos são impostas e aceitamos sem nem ao menos/ questioná-las. E isso ocorre de uma forma geral na sociedade, e é explicado historicamente.

O que observamos nas salas de educação infantil em relação às questões de gênero, resumem-se ao controle, regulação e normatização dos corpos das meninas e dos meninos, como podemos observar abaixo:

Evidencia-se nessas relações uma forma de organização institucional que tem no sexo o critério para a organização e uso dos tempos e espaços e a existência de uma disciplina heteronormativa, que separa, segrega meninos e meninas, nas estratégias do dia a dia: a organização das filas, a escolha do/da ajudante do dia, a organização das atividades em grupo de meninas e meninos, os comportamentos esperados das meninas e dos meninos. (FINCO SILVA, e DRUMOND, 2011, p.67).

O que acontece na verdade, é que, essas rotinas, só acentuam mais as diferenças entre meninos e meninas, onde, por exemplo, a fila das meninas é sempre a mais arrumada porque as meninas são mais compeetradas e delicadas e a dos meninos taxados como bagunçada, por que os meninos são agitados e etc. Outro exemplo, seria a questão de sempre as meninas serem as primeiras, “primeiro as meninas, depois os meninos” que traz uma desigualdade entre ambos os sexos, os meninos ficam sempre com o tempo restante, como sendo uma punição pela caracterização da imagem de mau comportamento dos meninos (sendo eles bagunceiros ou não). Então o sexo (feminino e masculino) sempre é usado como critério de organização e separação nos espaços e tempos das salas de aulas, o que tende a formar crianças que achem natural sempre separar o masculino e o feminino, assim entre eles a socialização acaba sendo diferente, formando uma verdadeira competição entre ambos, ao invés de criar uma interação e amizade entre eles, que acaba por reproduzir o que ocorre em nossa sociedade.

E essas questões de separação ocorrem desde muito cedo, ainda bebês, eles são separados por cores, objetos, sempre o azul é do menino e o rosa da menina, o que acaba remetendo a concepção de que eles precisam ser diferenciados. Mas por que um menino não pode gostar de rosa e uma menina de azul? O que uma cor pode influenciar em quem eles são?

Essa pedagogia “separatista” só faz aumentar as desigualdades e preconceitos nas crianças, ao invés de se ensinar valores pertinentes, como a amizade e o respeito ao próximo e ao diferente.

Se pararmos para pensar como é importante o espaço da educação infantil na formação das identidades de gênero das crianças, e como as brincadeiras, o faz de conta, as questões de gênero e corpo, as invenções e imitações nesse espaço influenciam na construção dessas identidades, e como o coletivo e as amizades são ricas como processo de socialização. E isso ocorre mais uma vez diferente para os meninos e as meninas, desde já eles são classificados, separados e hierarquizados, fazendo com que desde a infância já sejam massacrados por ideias preconceituosas de seus papéis na sociedade.

Como podemos observar no registro de campo de uma aluna que estagiou em uma turma de educação infantil, registro esse feito no livro “culturas infantis em creches e pré-escolas, 2011”. A aluna cita uma atividade em que cada aluno era responsável por levar uma boneca um dia da semana pra casa para cuidar, dar banho e trazer de volta, porém a boneca era só para as meninas, os meninos não podiam levar porque acharam que ia dar problema com a comunidade. Os meninos ficaram de fora, a não ser que os pais os deixassem levar. O que evidencia claramente que os papéis do homem e da mulher impostos pela sociedade são fixados nas crianças desde muito cedo, estabelecendo onde cada um deve estar e o que cada um deve fazer, não dando a oportunidade das crianças criarem suas próprias identidades. E esse menino quando crescer e for pai, não vai cuidar e dar banho em seus filhos? Esse tipo de educação nos remete a criação de péssimos pais, pouco envolvidos com os cuidados dos filhos.

É aquela velha história preconceituosa, boneca para as meninas e bola para os meninos, porém como mães, pais e educadores, nos ambientes escolares e em nossos lares, devemos deixar que as crianças estejam livres para brincar e se

expressar da forma que gostarem, pois as brincadeiras são de extrema importância no processo de construção da identidade de nossas crianças, pois brincar é uma forma de vivenciar o mundo e assim elas assumem o papel ativo na construção social das suas relações e identidades de gênero.

O corpo está presente na elaboração das construções identitárias, na infância, e na brincadeira ele aparece em evidência. São nas brincadeiras que meninas e meninos estão presentes de corpo inteiro, as brincadeiras de transformação do corpo são importantes momentos para meninos e meninas: brincar de rodar com saia, brincar de maquiar rosto e colorir os lábios com batom, usar esmalte, usar colar, chapéu, óculos e brinco... (FINCO; SILVA, e DRUMOND, 2011, p.76)

O que acaba acontecendo nas salas de aula é que essas brincadeiras com o corpo, com os enfeites femininos, de se fantasiar, maquiar, encantam todas as crianças, e os/as professores/as ficam com medo de deixar os meninos à vontade, pois muitas vezes os meninos querem fazer coisas que são taxadas como de meninas, e com medo dos pais represarem, as professoras travam e desencorajam os meninos de brincarem conforme os seus desejos, enquanto que com as meninas acontece o contrário. Existe uma grande dificuldade em desconstruir rótulos sexistas impostos pela sociedade dentro dos espaços escolares, o que causam situações conflituosas.

Podemos perceber que a criança, ao brincar, não está somente fantasiando, mas trabalhando suas contradições, ambiguidades e valores sociais, pois é o outro quem me constitui sujeito, quem me mostra quem sou, pois é na relação com o diferente de mim que vou alicerçando e desconstruindo hipóteses e modelos. (FINCO; SILVA e DRUMOND, 2011, p.77)

O que encontramos, de modo geral, nas salas de aula e em nossas próprias casas com nossos filhos, são algumas crianças que desafiam o que nos é imposto pela sociedade, não dando importância a essa separação entre brincadeiras de meninos e de meninas e precisamos respeitar e lhes oferecer essa oportunidade, pois com essas interações é que serão construídas, negociadas, criadas e recriadas suas identidades, de forma que suas vivências possibilitem o que for de melhor agrado para cada um, individualmente, e não o que os adultos esperam que eles sejam.

Enquanto atribuímos brincadeiras a significados masculino e feminino, estaremos oferecendo as nossas crianças uma educação preconceituosa e uma forma de repetição das desigualdades entre os gêneros. Venho compreendendo que é muito importante apresentar as nossas crianças modos justos e igualitários de ser

menino ou menina, longe de estereótipos existentes, deixando com que elas possam vivenciar as brincadeiras espontaneamente e livre de pré-conceitos e que elas possam ainda, ter consciência que são autoras de suas vidas e identidades.

De acordo com Prado:

O que não se pode negar, entretanto, é que crianças podem vivenciar diferentes formas de ser durante as brincadeiras. nelas, impulsionadas pelo desejo de se apropriarem das coisas do mundo, que inclui não somente o imaginário, mas também o afetivo, o corpo, o sonho, o prazer, o riso, o movimento, as crianças estão sempre prontas para mostrar outras novas possibilidades para e nessa apropriação. Desta forma, elas podem também ser o que são expressando as diferentes dimensões humanas constitutivas do ser e tornando-se crianças a sua moda (PRADO, 2009, p.9)

Dessa forma, é importantíssimo que seja abordada nos cursos de formação de professores todas essas questões, para que tenham ferramentas suficientes para desenvolver um trabalho que é essencial com as crianças.

Não que os/as professores/as tenham o poder de mudar tudo, mas de introduzir nas novas gerações outros estilos, novas ideias, valores e práticas sociais, fazendo com que entendam a necessidade da diferença e a sua riqueza.

Ao discutir tais questões com os/as professores/as brasileiros/as, busca-se contribuir, mesmo que modestamente, com a escola em sua missão de formadora de pessoas dotadas de espírito crítico e de instrumentos conceituais para se posicionarem com equilíbrio em um mundo de diferenças e de infinitas variações. Pessoas que possam refletir sobre o acesso de todos/as à cidadania e compreender que, dentro dos limites da ética e dos direitos humanos, as diferenças devem ser respeitadas e promovidas e não utilizadas como critérios de exclusão social e política. (CARRARA, 2009, p. 15).

CAPÍTULO 3: EDUCANDO MENINOS: Como mãe

“As posições das mulheres sobre a maternidade se situam num contínuo entre dois pólos: um, no qual, a condição materna é vista como exasperante, exigente ou mesmo destruidora; o outro, na qual ela é apresentada como única, rica e insubstituível.”

Dandurand, 1994

Pensar e discutir o nosso papel como educadoras de nossos filhos não é tarefa fácil. Temos muitos receios na forma de educá-los, nos tornamos muito “centralizadoras” e temerosas de qual é a melhor forma de educá-los, sobretudo quando pensamos, principalmente em como podemos afastar nossos filhos das muitas influências negativas que os cercam de todos os lados?

Houve um tempo, nem tão distante assim, em que se valorizavam mais os meninos e se pensava que as meninas não seriam capazes de fazer tudo que eles faziam. As famílias empregavam todos os recursos possíveis na educação dos filhos, mas acreditavam que gastar dinheiro com a educação das filhas seria "desperdício". O menino recebia a melhor alimentação e as melhores roupas porque nele estava o futuro da família. O nascimento de um garotinho era visto como uma bênção; o de uma garotinha era falta de sorte. (BIDDULPH, 2005, p.3).

É importante lembrar que num tempo não muito distante, em muitos lugares do mundo, nascer um menino era uma bênção e uma menina uma falta de sorte. Ainda bem que as coisas mudaram um pouco no contexto cultural, mas, ainda hoje em alguns países meninas podem ser vendidas, abandonadas. Ser mãe de menino é, além de tudo, uma grande responsabilidade social e humana.

Ao pegar meu filho no colo pela primeira vez, logo após o seu nascimento, me deparei diante do universo masculino de uma forma que eu nunca antes havia lido. Universo este, que me parecia tão diferente do meu. Eu, mulher, gerando um filho homem, um pouco assustada, um pouco confusa, senti uma responsabilidade enorme ao olhar pra aquele ser tão pequeno e ver que estava em minhas mãos todo o processo de criá-lo, educá-lo, como um homem do bem, nessa sociedade altamente machista e sexista. E ainda mais responsável por ser além de mãe, ser graduada em Pedagogia, futura professora e pedagoga.

Cresci ouvindo dizer que a maternidade muda uma mulher, que os filhos nos fazem aprender, crescer, evoluir e que nada mais será como antes. Ouvia todo esse discurso, entendia, mas não percebia a dimensão de tudo isso.

Quando as pessoas falavam que a mulher muda depois que vira mãe sempre achava que ela mudava somente nas coisas relativas à maternidade. Algo como: se era impaciente, tornava-se uma pessoa mais paciente porque precisava disso para sua sobrevivência, para a sobrevivência do filho e para o bem geral da nação. Mas hoje, depois da chegada do meu filho Bernardo percebo que vai bem além.

As ideias sobre "como os homens são", "como os homens me trataram" e "em que eu gostaria que os homens fossem diferentes" começam a afetar nosso modo de agir em relação ao filho.

Todas as nossas atitudes e crenças anteriores vão se refletir no cuidado diário dos nossos meninos. Cada vez que corremos para ajudar ou deixamos que se ajeitem sozinhos; cada vez que estimulamos ou desestimulamos; cada vez que damos um abraço carinhoso ou fazemos cara feia e nos afastamos - todas essas são respostas a atitudes internas quanto a ter um bebê; um bebê menino. (BIDDULPH, 2005, p 90)

Nós mulheres, mães, que sofremos diariamente com a sociedade sexista e machista, ao ser mãe de um menino, estamos diante de uma oportunidade extremamente importante, já que a mãe fornece ao filho o primeiro contato com os sentimentos que terão durante toda a sua vida.

Para termos um mundo melhor, precisamos criar e educar filhos mais felizes, saudáveis e sensíveis diante da dor do outro, para este último damos o nome de empatia (colocar-se no lugar do outro). Ensinar empatia é algo fundamental e indispensável na educação de nossos meninos.

E, infelizmente, os adultos tendem a tratar os meninos com mais rispidez. Estudos demonstram que os pais abraçam e acariciam muito mais as filhas, mesmo quando recém-nascidas, e falam menos com os meninos. As mães dos meninos tendem a bater neles com mais força e com mais frequência do que o fazem com as meninas (BIDDULPH, 2005, P. 12)

Percebo nas mães a diferença entre ser mãe de uma menina e mãe de menino. Elas falam do companheirismo e da amizade que as filhas podem proporcionar e do receio em ser mãe de meninos pelo motivo contrário. Eu

particularmente conheço muitos meninos companheiros e amigos de seus pais. Eles são assim se os educarmos para serem assim.

O que acontece é que a educação dos meninos está recheada de preconceitos e tabus, pois muitos pais têm medo de educar seus filhos homens com delicadeza e sensibilidade por receio de se tornarem femininos, delicados ou sensíveis demais, como se homens não o pudessem ser.

Nos EUA foi feita uma pesquisa curiosa sobre como lidamos emocionalmente diferente com meninos e meninas. A pesquisa foi feita em uma maternidade e consistia em vestir os bebês meninos com roupa cor de rosa e os bebês meninas com roupa azul. As pessoas que visitavam os bebês pegavam as supostas meninas vestidas de cor de rosa, no colo e com muita delicadeza faziam voz macia, gesto delicado, diziam frases sensíveis para expressar carinho, etc. As pessoas que pegavam os supostos bebês meninos vestidos de azul no colo o faziam com menos delicadeza, pois eram meninos, a voz era mais grossa para expressar carinho, os gestos menos delicados e a sensibilidade menos expressa. No final de cada visita, era revelado aos visitantes o verdadeiro sexo dos bebês, o susto era grande e a mudança de comportamento em relação aos mesmos, visível. Essa pesquisa mostra como de fato as pessoas lidam, educam, pensam diferente em relação aos meninos e meninas.

Muitas mães querem ter uma menina para ir às compras, ao salão de beleza, as festas, para enfeitar com coisas legais no cabelo e corpo, etc. Os pais querem um menino para levar para o futebol, para a natação, oficina, etc. As meninas fazem coisas de menina com a mãe e os meninos fazem coisa de menino com o pai, com isso a família vai se fragmentando sutilmente e os valores ficam distorcidos em relação à educação, cultura e amor de pais. No futuro, é possível, que quando se tornem adultos, a menina(agora adulta) não terá muito que fazer, conversar com o pai e o rapaz não terá muito que fazer, conversar com a mãe, não por culpa deles, mas eles aprenderam que era assim: tudo fragmentado.

Existe algo que muitas vezes os pais esquecem: que os filhos existem não para atenderem as nossas necessidades, mas para se tornarem indivíduos saudáveis e cumprirem o objetivo que os trouxe à vida. Nós pais precisamos ajudá-los nisso. É a nossa trajetória e compromisso geracional e familiar! Existe uma frase

que sempre digo em oração ao meu filho desde que ele estava em meu ventre “Que você meu filho se torne um homem honesto, justo e bom”. Para mim, honestidade, justiça e bondade, são valores que precisam ser ensinados e valorizados em nossos filhos acima de qualquer outro.

Nós como, mães e pais, precisamos refletir sobre quais valores estamos repassando, ensinado aos nossos filhos, e acima de tudo se estamos tendo tempo de ensinar tais valores ou se estamos delegando essa importante e vital tarefa a alguém. Como bons e dedicados pais pagamos todas as contas, mas não educamos os nossos filhos. Com isso, perdemos fases preciosas da vida, nossa e deles, momentos valorosos onde podemos construir afeto, união, amor e desenvolver filhos saudáveis.

Na educação de meninos, observo muitos pais e mães tendo uma postura que paira o descaso e chega à irresponsabilidade, permeada pelo seguinte argumento: “É um menino, precisa aprender desde cedo a se virar sozinho e a ser independente e forte, a ser homem. Deixa ele se virar!” Infelizmente é esse tipo de pensamento e educação que está deixando os nossos meninos perdido, confuso, machista e com conflito de identidade.

Imagine-se no lugar de um menino que em uma idade que precisa de educação, proteção e orientação, é deixado sozinho para aprender, que tipo de menino você se tornaria? Sensível para com a dor do outro? Bondoso? Justo? Provavelmente não, pois esses são valores que precisam ser ensinados por alguém. Quando estamos sós e perdidos, aprendemos com o que está ao nosso alcance, e valores morais não estão tão acessíveis assim no dia a dia.

Os meninos precisam de atenção tanto da mamãe quanto do papai, pois cada um vai passar um tipo de conhecimento experiência ao filho homem. A mãe pode lhe ensinar sobre amor e segurança, acolhimento e sensibilidade. O pai pode lhe transmitir interesses por atividades, competências, habilidades, afabilidade, humor, equilíbrio, masculinidade (que é diferente de machismo), por exemplo. A vida dos meninos caminha melhor quando a mãe e o pai estão por perto, educando-o, acolhendo-o. Quando um deles se ausenta de manifestar calor e afeto, principalmente nos primeiros anos de vida, para suportar a dor e o sofrimento, o

menino “desliga” a sua parte mais terna e amorosa, tornando-se uma criança triste ou raivosa, por exemplo.

Um dia escutei de uma mãe desconhecida em um ônibus, uma conversa que me pareceu absurda. Ela estava com um bebê de aproximadamente seis meses e disse à outra pessoa que não gostava de deixá-lo no colo por muito tempo que isso iria mimá-lo demais, que ela o deixava no berço a maior parte do tempo para ele ir se tornando independente dela. Penso que esta mãe não tinha a intenção de maltratar seu filho, apesar de está-lo fazendo, mas sim que era ignorante na arte de educar uma criança. Abraçar, beijar, cheirar, brincar, rir, criar afeto, vínculo, demonstrar amor nunca é demais, não mima, não estraga filho; o contrário sim!

Para termos filhos meninos ou meninas felizes e saudáveis, precisamos demonstrar carinho, afeto, amor, dizer o quanto eles são importantes. Vamos elogiar sua conquista por menor que pareça para nós, mas para eles, ela deve ter sido enorme. Vamos parabenizar pela nota conquistada, por mais que não tenha sido a desejada, e dizer: “na próxima vez você vai se esforçar mais e vai conseguir uma nota melhor, eu tenho certeza e acredito em você!” Vamos exigir menos e acreditar mais, incentivar mais, cuidar mais, estar mais por perto. Eles com certeza sentem a sua falta.

A educação para a chamada igualdade de gêneros ou, em outras palavras, a igualdade entre homens e mulheres, é uma tarefa que deve começar em casa. Crianças que aprendem que meninos e meninas devem ter direitos, deveres e oportunidades iguais serão adultos que saberão respeitar o outro, independentemente do fato de ser homem ou mulher.

A educação tanto em casa como na escola, tem o poder de mudar valores de uma sociedade, e é exatamente disso que precisamos.

Exemplos básicos e simples de como fazer com que nossos filhos não se tornem adultos preconceituosos, machistas, podemos começar desde bem pequenos introduzindo com o nosso próprio exemplo, não dá para falar em igualdade de gêneros com as crianças se os adultos não aplicam na prática o que falam. Em outras palavras, os pais precisam dar o modelo, dividindo, por exemplo,

as tarefas domésticas: é tarefa tanto do pai quanto da mãe lavar a louça, assim como tanto o pai quanto a mãe têm capacidade para trocar o pneu do carro. Isso também se aplica no que diz respeito à vida escolar dos filhos. Os homens também devem frequentar reuniões escolares e ajudar os filhos nos deveres de casa.

Devemos dar tarefas iguais para meninos e meninas, desde pequenas, as crianças devem ser ensinadas a realizar tarefas para ajudar nos cuidados com o lar. E essas tarefas devem ser divididas igualmente entre meninos e meninas. A família tem de mostrar dentro de casa que não é para o menino ir jogar futebol enquanto a menina ajuda a mãe na cozinha. Ambos devem ajudar na cozinha e ambos podem ir jogar futebol. Muitas vezes os pais dividem a casa em tarefas que consideram masculinas e tarefas femininas: as meninas ajudam a arrumar a casa enquanto os meninos ajudam a lavar o carro. Na verdade, tanto meninos quanto meninas podem e devem ajudar na arrumação da casa quanto nos cuidados com os bichinhos de estimação, carro (caso a família tenha), ou aprendendo a fazer pequenos consertos domésticos.

Outra questão superimportante é dar oportunidades iguais para as meninas e os meninos praticarem esportes que admiram. A concepção de que futebol é coisa de menino e balé é de menina é fruto de uma educação sexista e preconceituosa. Hoje em dia há cada vez mais meninas interessadas em jogar bola e não há nada de errado em um menino que goste de dançar. Os pais têm de apresentar todas as possibilidades de atividades para que os filhos escolham o que mais lhes interessa, mas sem reforçar estereótipos. Vai acontecer de alguns meninos se interessarem mais pela bola, mas há aqueles que não gostam de futebol e vão optar por outra coisa. Os pais devem saber entender e estimular as escolhas dos filhos.

Nós, mulheres e homens que escolhemos ter (e/ou adotar) um filho/a, devemos aproveitar a brincadeiras e os brinquedos que damos aos nossos filhos como uma oportunidade de ensinar sobre a igualdade de gêneros. Não quer dizer que o pai deva comprar uma boneca para o filho e querer que ele brinque com ela contra a vontade. Mas quer dizer que deve aceitar e tratar de forma natural se o menino pedir um brinquedo classificado como "de menina". O mesmo, claro, se aplica às meninas. Assim como dar uma boneca a um menino não compromete sua masculinidade, dar uma bola a uma menina também não compromete a sua feminilidade. Da mesma

forma que a menina pode brincar de caminhão, o menino também pode participar de uma brincadeira de casinha.

Embora não seja simples, entendo ser um desafio não introduzir preconceitos nas crianças como "Meninos não choram", "rosa é cor de menina", "lugar de mulher é na cozinha". Quem nunca ouviu frases como essas? Elas estão entre as ideias que ressaltam o preconceito em relação aos papéis masculinos e femininos na sociedade. As crianças devem aprender que é preciso respeitar todas as pessoas, independentemente de seu sexo ou de sua orientação sexual.

3.1 OUVINDO MÃES: Um diálogo inicial com mães de crianças do gênero masculino

Para saber um pouco mais sobre como a nossa sociedade e principalmente como nos mulheres educamos nosso filhos meninos, achei importante ter uma *escuta interessada* de um grupo de amigas que também são mães de meninos e filhos homens. A questão fundamental que adotei para fazer as entrevistas foi à linguagem verbal através do diálogo sobre as questões do dia a dia entre as mães e seus filhos, onde percebi que a conversa é essencial para as construções cotidianas.

As diferentes áreas da atividade humana estão ligadas ao uso da língua, deste modo o caráter e as formas que esta adota no cotidiano das relações sociais são tão numerosas como as próprias atividades humanas. Este acontecimento, contudo, não nega a existência de formas sistemáticas de uso de linguagem no cotidiano.

São imensas as possibilidades das atividades humanas, tornando abundante a heterogeneidade dos gêneros discursivos. Em cada âmbito social há um conjunto desses gêneros que se distinguem e mudam de acordo com a evolução e complexidade das práticas sociais.

Como vemos a seguir na citação,

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores (...) Nesse sentido, a entrevista, um termo bastante genérico, está sendo por nós entendida como uma conversa a dois com propósitos bem definidos. Num primeiro nível, essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Já, num outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico. (Minayo, 2002, p. 57)

Partindo do pressuposto que qualquer interação entre os indivíduos supõe um tipo de linguagem, entendemos que as trocas verbais das entrevistas devem ser avaliadas como tal. Como vemos a seguir no trecho da Revista de Psicologia clínica, da PUC/RJ, de 2009:

A entrevista, no âmbito de uma dada pesquisa se configura como um espaço de construção de sentidos ou de produção de linguagem entre sujeitos organizados socialmente a partir de um enquadramento relacional específico(SOUZA; CASTRO, 2009, P. 90).

Assim, busquei na entrevista, obter um espaço de criação e produção da linguagem, possibilitando o intercâmbio de saberes e uma relação entre iguais, evitando uma possível hierarquia, dando espaço ao surgimento das diferenças.

Segue abaixo as vozes de quatro mulheres e mães que tiveram o prazer de conceber meninos lindos. Entrevistadas por mim, elas discursam de forma breve sobre como educam seus filhos. Se existe e como são tratadas essas questões de gênero, diante dessa sociedade machista, sexista e preconceituosa que tanto influenciam nossos filhos? Como esperam que eles sejam quando se tornarem adultos?

Comecei a entrevista com a Natália Machado, atualmente “dona de casa”, 21 anos, solteira, mãe do Victor Hugo, 9 meses:

“Em minha opinião toda criança merece ter uma infância livre de qualquer maldade do mundo, livre da escravidão virtual, espero ver o Victor correndo na rua, andando de bicicleta, brincando de pique esconde, jogando bola, acreditando no Papai Noel, ansioso pra ganhar o ovo de páscoa, quero poder oferecer pra ele tudo que eu tive e principalmente o que não tive. Infelizmente muitos pais cometem o erro de participar somente da vida material dos filhos, esquecem a importância de sentar pra brincar, fazer o dever de casa, ir às festinhas da escola, essa falta de comunicação entre pais e filhos é o grande problema das famílias, vou fazer questão de estar presente em todos os momentos, quero participar das conquistas do aprendizado, vou passar pra ele tudo de bom que aprendi até hoje, mostrar que só conquistamos algo com esforço e dedicação nada na vida vem de mão beijada que receber NÃO às vezes é essencial para nossa evolução. Eu como mãe de menino já ouvi muitos comentários do tipo "vai ser pegador" ou "ele é homem tem que ensinar a concertar carro e não a fazer comida" as mulheres reclamam muito dos homens, porém somos culpadas por educar eles com machismo, quem foi que disse que homem pra ser homem tem que ter várias mulheres? Que homem não arruma a casa ou faz uma comida? A mudança tem que partir de nós mães educadoras, somos nós que vamos preparar

os homens do futuro e no que depender de mim o Victor vai saber cozinhar, lavar a louça, arrumar sua bagunça, fazer sua comida, vai respeitar as mulheres como devem ser respeitadas e não vai ser menos homem por isso afinal homem que é homem faz tudo isso sem se importar com o machismo que a sociedade impõe”.

Pude perceber nesse relato a preocupação da mãe para que seu filho tenha uma infância saudável, longe das coisas virtuais que tanto envolvem as crianças hoje em dia. É preciso que as crianças sejam crianças. Outra questão que pude perceber também é a importância da presença dos pais no dia a dia dos filhos, pois os pais estão cada vez mais atarefados e trabalhando mais e muitas vezes o papel de educar fica quase que totalmente com as creches ou cuidadoras. E como última questão, achei importante ela comentar que vai ensinar o filho a cozinhar, lavar louça e fazer comida, pois acredito que a educação das crianças deveria ser assim, sem diferença para ambos os sexos, tanto os homens quanto as mulheres devem aprender coisas iguais, devem ter as mesmas oportunidades, devem receber o mesmo tratamento.

Podemos observar uma fala importante sobre essas questões no texto da Adriana Carvalho para a revista “Educar para crescer”:

[...] as mulheres acumulam, além do trabalho, os afazeres domésticos e os cuidados com os filhos. A desigualdade entre os gêneros é uma realidade que foi construída em anos e anos e anos de história, mas que começa a ser questionada. Por que mulheres não podem ganhar o mesmo que os homens? Por que os homens não podem ajudar a trocar a fralda dos bebês? O que parece ser impossível de mudar pode ser mudado. Basta que essa relação de igualdade entre meninos e meninas seja plantada em casa, na Educação do dia a dia. Meninos e meninas podem ser diferentes, mas são iguais em direitos e em deveres. Ou seja: devem ter as mesmas oportunidades e respeito. (CARVALHO, 2014. P 1)

Uma educação baseada na igualdade de gêneros ou, a igualdade entre homens e mulheres, é um longo trabalho que deve começar em casa. Crianças que aprendem que meninos e meninas devem ter direitos, deveres e oportunidades iguais serão adultos que saberão respeitar o outro, independentemente do fato de ser homem ou mulher. A educação tem o poder de ajudar a mudar os valores de uma sociedade.

Eliane Felix, 52 anos, professora, casada, mãe do Nathan de 19 anos e do Renan de 15 anos:

“Sabemos que educar não é tarefa fácil. Tenho dois filhos e minha experiência com mãe de meninos tem sido um tanto complicada, pois sou questionadora e tento modificar essa cultura machista onde o sexo masculino tem que agir de determinadas maneiras com atitudes diferenciadas do sexo feminino, Não me conformo em ter que fazer todas as tarefas de casa sozinha. Nossa cultura parece que se perpetuou no que se refere a coisas que homem não pode fazer, porque isso ou aquilo é coisa de mulher. É importante lembrar que as referências de uma criança são os pais e seus exemplos. Procuro incentivar atitudes de respeito mútuo, sem machismo, porém encontro muita resistência, já que a figura paterna tem forte influencia na educação de meninos e meu marido não aceita dividir tarefas de casa e diz que o trabalho dele é na rua e que o serviço de casa é coisa minha. Sei que será difícil mudar, mas continuarei tentando. A melhor parte dessa história é saber que sou amada e protegida por três homens que são essenciais na minha vida.”

O que podemos perceber nesse relato é o que acontece em muitas famílias, por mais que as mães tentem acabar com essas questões referentes à mulher ter nascido para servir a casa e o homem para trabalhar fora, ainda há muita resistência por parte dos homens, pois eles foram educados dessa forma, e a ruptura muitas vezes complicada, e ainda pior, muitas vezes não acontece, se perpetuando de pai para filho. Essa mãe tenta mostrar pros filhos que os homens também fazem serviços de casa, porém o próprio pai é um exemplo contrário, um típico machista. Essa luta é contínua, é no dia a dia, tentando romper com esses preconceitos incorporados em nossa sociedade.

Existem pesquisas como a de Combes e Devreux (1991) que analisam a relação de homens e mulheres com suas crianças. Esses estudos constataram que as mulheres continuam tendo uma relação mais comprometida com o filho (a)s do que os homens sendo ainda elas que assumem a maioria das responsabilidades parentais.

De acordo com Scavone:

[...] é possível observar, em relação à família e à experiência da maternidade, que estamos vivendo um período de transição para a

consolidação de um novo modelo de maternidade, o qual tem como ideal a busca pela equidade na responsabilidade parental e cuja efetivação ainda está longe de ser alcançada em todos seus aspectos, já que ela pressupõe uma relação igualitária entre os sexos. Para alcançar esta equidade muitos elementos estão em jogo e, entre eles, a emergência de uma nova sensibilidade social que derrube o ideário do determinismo biológico (SCAVONE, 2001. P. 56-57).

Neste sentido, há uma busca pela igualdade das responsabilidades e comprometimento parentais em relação à educação dos filhos. Educação esta que pressupõe a isenção de pré-conceitos referentes às questões de gêneros, possibilitando a equidade entre homens e mulheres.

Adriana, 49 anos, casada, atualmente “dona de casa”, mãe do Miguel de 8 anos e do Bento de 5 meses.

“Tenho dois filhos meninos, o Miguel de oito anos e o Bento de cinco meses. Essa diferença me permite fazer várias observações sobre o cuidado individual de cada um. Mas, a essência da educação é a mesma. Por exemplo, a personalidade de cada um já vem inserida quando nascem, mas a formação do caráter, eu, junto com o pai deles, procuro “delinear” de acordo com os valores morais e religiosos que amalhei durante minha vida. Isso se dá através de mudanças de hábitos que adotamos, como: só ouvirmos músicas edificantes, não xingarmos palavrões, nem dizer coisas esdrúxulas, e, principalmente, formação Cristã-Religiosa através de Evangelização. Acredito que assim, estou contribuindo para que cresçam e se tornem homens de Bem. Pois, se fala muito em deixar um mundo melhor para nossos filhos. Mas eu quero deixar filhos melhores para o mundo que estou ajudando a construir. Educar meninos (ou meninas) hoje é, com certeza deixar de punir ou corrigir homens imaturos no futuro. Mas, isso depende de nós, mães e pais. Porque não basta enchê-los de mimos, roupas e brinquedos caros e da moda, e depois pôr a culpa no Sistema. A responsabilidade é nossa. Temos que agir juntos, pais, escola e Religião.”

Pude observar nesse relato, uma preocupação imensa nessa mãe em educar seus filhos na base religiosa, o que é muito comum para as famílias que seguem uma religião, o cuidado que acho importante salientar, é que as religiões em si,

recreiam muitas coisas e é importante saber não levar tão ao pé da letra todos os questionamentos.

Segundo Rocha:

[...] a religião é uma aposta em algo que não se vê e pode ser considerada a força que faz criar novas opções, mas, por um ato de fé, modifica comportamentos, supera dificuldades de forma inacreditável. Em muitos casos, vira suporte para a vida e a existência. Compõe as experiências vividas que são moldadas pela sociedade e pela cultura. Ela pode ser vista como reforço de normas, impondo controles e formas de viver para homens e mulheres (ROCHA, 2008. P. 103).

Considerando que as religiões tendem a serem conservadoras e buscam doutrinar e dominar os pensamentos e atitudes humanas, impondo valores e delimitações; pode-se dizer que é difícil pensar em uma educação igualitária quando se envolve religião.

Vejamos o relato de uma professora e jornalista, extraído do artigo de Rocha (2008):

Gênero e religião é um tema que me remete para o contraditório. Ao mesmo tempo em que a instituição religiosa aponta valores morais que impõem padrões opressivos às mulheres e repressivos a todos (a sexualidade, por exemplo, é um campo bastante fértil para a opressão e controle das instituições religiosas), a religião em si mesma se revela como uma necessidade humana de transcendência: a espiritualidade para além do concreto e da realidade pura. É como se fosse um elemento gerador de novas energias (boas e ruins), capaz de interferir na criatividade e na capacidade humana de conviver com o contraditório e ou com o inexplicável. Não tenho dúvida que homens e mulheres vivenciam a religiosidade de forma diferente, impregnados de sua condição sexual, cultural, social etc. Acho que é sobre isso que os estudos sobre gênero e religião devem se debruçar: como homens e mulheres vivenciam a experiência religiosa? (ROCHA, 2008, pg 106)

Sendo assim, as religiões interferem na constituição dos grupos sociais e, portanto, os papéis de gênero também são influenciados por elas. A teoria de gênero ainda é uma novidade e está em permanente movimento de crítica, construção e reconstrução desse novo modelo de pensamento. De modo geral, a religião é refletida a partir de uma perspectiva masculina e patriarcal.

Isabela, 27 anos, solteira, estudante, mãe do Caio de 7 anos

"O Caio, por ser educado e cuidado na maioria do tempo por mulheres (mãe, avó e madrinha), é criado também para ajudar nas tarefas de casa, respeitar e não criar rótulos com relação ao que é trabalho feminino ou não. Ao mesmo tempo, adora jogar bola, brincar com os amigos de "coisas de menino" e ir ao estádio de futebol, local onde aprende na prática que não deve haver diferença social entre homens e mulheres. Crio o meu filho pensando em deixá-lo melhor para o mundo e, conseqüentemente, em um mundo melhor."

O Caio é educado somente por mulheres, a mãe, a avó e a madrinha são a base da educação dele no dia a dia, e elas tentam ensiná-lo que não existe essa diferença para as tarefas de casa, que os meninos também precisam aprender a fazer as atividades do lar. O que me chamou a atenção foi a fala “coisas de meninos” entre aspas, por mais que ela tente o manter livre desses pré-conceitos, muitas vezes o machismo que estamos tão acostumados a ver em nossa sociedade e a recriminar, está inserido em nós mesmo que não percebamos. Porque meninas não podem jogar? Porque jogar bola está ditado ser coisa de menino, e é assim que começa o preconceito, pois se uma menina gosta de bola, ela já é taxada como diferente. Uma coisa tão simples, mas com significado imenso.

De acordo com Santos e Maio, “a brincadeira desempenha um importante papel na construção da identidade de gênero das crianças, e conseqüentemente, pode se constituir em um importante instrumento educativo no sentido de desconstruir os estereótipos de gêneros.” (SANTOS E MAIO, 2012, P. 7). Sendo assim, o adulto possibilita que padrões sejam desmistificados ao permitir que a criança brinque livremente e transmite a igualdade e o respeito entre meninos e meninas.

Ao final das entrevistas, pude perceber que as questões de gênero estão numa crescente evolução, mesmo que ainda tenham outras coisas envolvidas que possam estar concorrente com essas questões, por serem conservadoras, como por exemplo a religião, vemos que os olhares para uma educação crítica, emancipatória e igualitária entre meninos e meninas estão mudando cada vez mais e só tendem a melhorar, e os pais estão entendendo que para que essa mudança aconteça é

necessário que a mesma comece dentro de casa, oferecendo direitos e deveres iguais para ambos os sexos, sem privilégios para um ou outro.

CAPÍTULO 4

CONSIDERAÇÕES FINAIS, MESMO QUE PROVISÓRIA: Insistindo numa educação não sexista.

Ao realizar este trabalho monográfico, tive como objetivo investigar, mesmo que de forma ainda muito exploratória, como mãe e educadora, algumas questões de gênero na educação das nossas crianças. Por ter sido mãerecentemente de um menino, e por ter sido criada convivendo com um menino, o meu irmão tanto na infância, quanto na adolescência, entendo que investigar questões relativas à educação e à forma de socialização de meninos e meninas na escola e na família, deveria ter uma grande importância teórica e política no currículo dos cursos Pedagogia e Formação de Professores. Entendo que se desejamos educar crianças pequenas numa perspectiva crítica e emancipatória, intencionando uma educação não sexista e preconceituosa, é fundamental trazer questões relativas a gênero para discussões no campo formativo. Se intencionarmos colocar em questão como as práticas educativas podem ser preconceituosas e sexistas, é imperioso desnaturalizar a neutralidade que as questões vinculadas à educação de meninos e meninas são tratadas no cotidiano escolar.

Por vivência própria e agora por estar desenvolvendo a minha monografia, entendo que a ausência de debates e estudos sobre questões de gênero na educação infantil, por exemplo, vem causando desigualdades e limitando a educação e a felicidade de nossas crianças, produzindo um modo de ser criança de acordo com padrões preconcebidos.

Dessa maneira, entendo ser muito importante que essas questões sejam apresentadas nas salas de aulas desde a educação infantil até nos cursos de Formação de professores. Através de estudos bibliográficos e diálogos com outras mães e educadoras, longe de encontrar respostas prontas, cheguei a algumas conclusões, mesmo que provisórias.

Nessa busca, pude perceber a importância de educar nossas crianças de maneira crítica e emancipatória, deixando-as livres, somente mediando quando for realmente necessário, tornando-os sujeitos de suas próprias escolhas, libertando-as desse modelo social tão desigual e preconceituoso que estamos acostumados a ver.

Contudo, os comportamentos das crianças, tanto meninas quanto meninos, são formados historicos e socialmente, eles são ditados como de meninos ou meninas, não são naturais, mas construídos socialmente dia a dia, em falas, elogios à beleza e elegância das meninas e à força e coragem dos meninos; em gestos, oferecendo a boneca para as meninas acalantarem, permitindo que os meninos brinquem de forma mais agressiva; por olhares, de reprovação/aprovação de acordo com a expectativa sobre as crianças; entre outras formas de controle dos gestos.

Tais questões revelam como as relações desiguais entre meninos e meninas não são definidas pelo órgão sexual com que nascem, mas sim pela forma como vemos e consideramos nossos sexos, feminilidades e masculinidades. Trazer e elevar as “vozes” de crianças tão pequenas significa, então, pensar práticas educativas que não sejam baseadas na dualidade feminino/masculino, mas na sua complementaridade, para que meninos e meninas possam ser agressivos (os), carinhosas (os), agitadas (os), cuidadosas (os), sentimentais e tantas outras dimensões humanas que vêm sendo negadas e permitidas de acordo com essa expectativa social desigual.

É preciso Insistir em uma educação não sexista, sem diferenças ou privilégios para meninos e meninas. Essa cultura sexista prejudica mulheres em todo o mundo, consequentemente afetando também os homens, pois em todos os momentos as relações de gênero estão presentes e influenciadas pela educação que aprendemos e reproduzimos sem questionamentos, principalmente quando não enxergamos as desigualdades. Mas quando tomamos conhecimento podemos escolher entre reproduzir ou transforma – lá para uma sociedade livre.

No decorrer da pesquisa, pude entender que a escola é um grande e importante espaço de convivência entre os sexos, e estes são na maioria das vezes segregados a partir da reprodução das representações do masculino e do feminino que se apresentam e se impõem, no caso, às meninas e aos meninos estudantes. É inegável que se precisa quebrar o ciclo androcêntrico destas representações, que vem sendo perpetuadas através das gerações e isso exige dos/as professores/as que rompam com essas tendências sexistas no cotidiano escolar, fazendo com que as salas de aulas, estendendo-se para os outros ambientes da escola também, sejam espaços que respeitem às individualidades das crianças pequenas,

considerando todas as relações, entendo as diferenças e assim não dando espaço para o preconceito e a discriminação. Pois essa forma sexista acaba prejudicando as crianças, inibindo-as de serem da forma que gostariam de ser, tornando-os seres incompletos. E ainda mais, que sejam trabalhadas com família, em parceria com a escola, as questões de gênero, pois esses territórios ainda têm uma relação de poder machista.

As questões de heteronormatividade, normatização e controle dos corpos de meninos e meninas usadas nas escolas para que atendam às expectativas construídas socialmente sobre feminilidades e masculinidades que, muitas vezes, ocorrem de forma bastante sutil e, até mesmo, aparentemente inconsciente por parte dos professores/as, porém, bastante eficazes. Esse processo utiliza diversos aparatos instrumentais e institucionais para garantir que marcas distintas sejam inscritas nos corpos de meninos e meninas, como mecanismos repressivos ou como projeção de um discurso socializador que impõe às crianças uma imagem estigmatizada do que é ser menina e menino (FINCO 2007).

A partir de meu estudo, mesmo que ainda muito inicial, considero ser muito importante que haja nos projetos políticos pedagógicos das escolas, questões de gêneros e de uma educação não sexista. Entendo ser fundamental para o longo processo de formação de humana, que a escola de educação infantil possa pensar a construção da criança como indivíduo único, em sua alteridade, como possuidor de uma história de vida e uma forma particular de se relacionar com o mundo.

A criança deve ser compreendida como ser curioso, pensante, que produz conhecimentos e culturas e que são livres para serem da forma que se sentirem bem, sem preconceitos e ou/estereótipos. Porém, como essa temática ainda é pouco discutida nas escolas, tanto nas salas com as crianças, quanto na formação dos professores/as, o que assistimos é na maioria das vezes é a naturalização de certa condição feminina e/ou masculina e a afirmação de modos padronizados e fechados de ser menino e/ou menina.

Com essa pesquisa, tentei responder as questões principais pelas quais me levaram a escolha do tema, conclui, ainda que provisoriamente, que educar nossas crianças não baseadas em masculinidades e feminilidades, contribuem para que, cada vez mais, haja uma ruptura com os costumes, as regras, as normas e os

valores de cultura impostos e excludentes existentes em nossa sociedade, que segregam e colocam meninos e meninas como rivais.

A pesquisa realizada, mesmo que ainda por aprofundar, também revelou que práticas educativas de educação de gênero, não são baseadas apenas na concepção de masculinidades e feminilidades hegemônicas. A concepção ideológica e cultural que perpassa não somente os ambientes escolares, mas a nossa sociedade de modo geral, reitera diuturnamente a dicotomia entre homens e mulheres afirmado um *essencialismo* de uma condição feminina e masculina. Essas categorizações afirmam o sentido da divisão sexual das modernas sociedades ocidentais, que para funcionar e operar em sintonia com outras marcações capitalistas (classe, raça, idade etc.) precisam parecer naturais.

Porém, a leitura e os estudos realizados, me permitem afirmar que é visível.

O surgimento de outras práticas e problematizações de gênero que estão “explodindo” nos espaços e tempos escolares, contribuindo para que, cada vez mais, professores/as meninas e meninos transgridam e rompam com os costumes, as regras, as normas e os valores de cultura impostos e excludentes, abrindo brechas que permitam a eles exercer suas vontades, seus desejos de experimentar, inventar e criar, ampliando suas potencialidades, ensinando novas formas de ser menino, de ser menina e de ser professor na construção de uma Pedagogia da Educação Infantil não sexista, crítica e emancipatória. A Educação de meu filho Bernardo e de outras crianças pequenas, com certeza, produziria mais liberdade, felicidade e menos doenças e patologização. Mas isso é outra questão outros estudos, outras conversas.

CAPÍTULO 5

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, M. V. G.; SILVA, S.S.; AGUIAR, M.G.G. Gênero e sexualidade: as máscaras sociais e a ética. In: Seminário Internacional Enlaçando Sexualidade. Salvador: 2009

ARIÈS, Philippe. 1978. História social da criança no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar.

ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AUAD, Daniela. *Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola*. São Paulo: Contexto, 2006.

BIDDULPH, Steve. Criando meninos. 2002.

CRUZ, Silvia Helena Vieira. A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008.

DANDURAND, R. B. Femmes et familles: sous le signe du paradoxe. RF, v.7, n.1, p.1-21, Québec, 1994

FERNÁNDEZ, Alicia. A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem. Porto Alegre, 1996

FINCO, Daniela. A educação dos corpos femininos e masculinos na Educação Infantil. In: FARIA, Ana Lúcia G. de. (org.) O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes. São Paulo, 2007.

FINCO, Daniela. Educação Infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças: análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridam as fronteiras de gênero. São Paulo, SP. 2010 (Tese).

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. Proposições. Campinas, SP. 2003

FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). História social da infância no Brasil. 5. ed., rev. e ampl São Paulo: Cortez, 2003. 334 p.

GEPEDISC- Culturas Infantis. Culturas Infantis em creches e pré-escolas: estágio e pesquisa. Campinas, SP: Autores associados, 1ªed, 2011

LOURO, Guacira L. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997

MINAYO, Maria Cecília de S. (org.) Pesquisa social. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002

PRADO, Patrícia D. As crianças pequeninhas produzem cultura? Considerações sobre educação e cultura infantil em creche. Proposições. Campinas/SP: FE-UNICAMP, v. 10, (28), março, 1999,

ROCHA, Délcio; DAHER, Maria Del Carmer; ALBUQUERQUE, Vera Lucia de. A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexão numa perspectiva discursiva

ROCHA, Maria José Pereira. Gênero e religião sob a ótica da redescritção. Rev. abordagem gestalt., Goiânia, v. 14, n. 1, p. 102-108, jun. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000100015&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 fev. 2016.

ROTTERDAM, Erasmo. De Pueris, 2ª ed 2008.

SAFFIOTTI, H. I. B. (1992). Rearticulando Gênero e Classe Social. In: A. Costa e C. Bruschini (orgs). Uma questão de Gênero. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, pp. 183-216.

SANTOS, Ednelia Francisco dos; MAIO, Eliane Rose. Brincadeiras de meninos e meninas: os estereótipos de gênero nas brincadeiras infantis. Anais da Semana de Pedagogia da UEM. Volume 1, Número 1. Maringá: UEM, 2012 1, p. 1-12. Disponível em <<http://www.ppe.uem.br/semanadepedagogia/2012/pdf/T1/T1-004.pdf>>. Acessos em 26 fev. 2016.

SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 5, n. 8, p. 47-59, Fev. 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S1414-32832001000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 26 Fev. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832001000100004>..

SCAVONE, Lucila. Revista de estudos da religião, 2008.

XAVIER FILHA, Constantina. Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância. **Educ. rev.**, Curitiba, n. spe-1, p. 153-169, 2014.

<<http://pt.slideshare.net/simonelanden/17620877-trajeinfantilhistoriasocialdacrianca>>